



**AgEcon** SEARCH  
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

*The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library*

**This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.**

**Help ensure our sustainability.**

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

[aesearch@umn.edu](mailto:aesearch@umn.edu)

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



## **CONCENTRAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E VULNERABILIDADE NO NORDESTE BRASILEIRO**

**EVELINE BARBOSA CARVALHO; RODRIGO SABOYA CASTRO ALVES;**

**UNIFOR**

**FORTALEZA - CE - BRASIL**

**eveline@fortalnet.com.br**

**APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR**

**COMÉRCIO INTERNACIONAL**

### **Concentração das Exportações e Vulnerabilidade no Nordeste Brasileiro**

**Grupo de Pesquisa: COMÉRCIO INTERNACIONAL**

#### **Resumo**

Esta pesquisa objetiva avaliar o grau de concentração das exportações nordestinas por produto e país de destino no período compreendido entre 1996 a 2004 e seus efeitos para a região. Como objetivos específicos, tem-se a identificação dos destinos das exportações dos principais produtos da pauta de exportação nordestina, analisando à luz do referencial teórico, as possíveis conseqüências que um elevado grau de concentração pode propiciar. Trata-se de pesquisa aplicada e quantitativa que propõe e aplica índice para o cálculo do grau de concentração a partir da participação das exportações de cada estado da região por produto e país de destino. O estudo conclui que os estados de Pernambuco e Alagoas apresentam elevado grau de concentração das exportações em cana de açúcar destinada à Rússia. O Rio Grande do Norte apresenta alta concentração das exportações de óleos brutos de petróleo destinados à Trinidad e Tobago, e Sergipe elevada concentração de suco de laranja para a Holanda. Dois terços das exportações do estado do Maranhão, segundo maior estado exportador da região, foram realizadas pela Companhia Vale do Rio

Doce. O estudo constatou que as economias dos estados de Pernambuco e Alagoas estão dependentes e vulneráveis à economia russa e esse poder de monopólio exercido pela Rússia pode representar um custo social elevado para as economias vendedoras.

## 1. INTRODUÇÃO

A busca do crescimento econômico inclui, ao lado de várias outras medidas, uma maior inserção internacional. De fato, em uma economia aberta como a brasileira, há uma tendência ao incentivo à competitividade de forma a permitir o enfrentamento da concorrência internacional de uma forma mais atuante.

Um saldo favorável da Balança Comercial tem sido colocado como uma das prioridades do Governo Federal em sua Política Econômica recente, tanto que o saldo comercial brasileiro saiu de um déficit de US\$1,9 bilhões em 1999 para um *superávit* de US\$ 44 bilhões em 2005.

O Fluxo Comercial, que representa o somatório de todas as exportações e importações de um país, atingiu cerca de US\$ 191 bilhões em 2005, com exportações equivalentes à US\$ 118 bilhões, o que representa um recorde nas exportações brasileiras e importações de US\$ 73 bilhões.

Apesar desses dados promissores, as exportações brasileiras representam pouco mais de 1% do total do comércio mundial que em 2005 equivaleram a US\$ 10 Trilhões e

há uma clara concentração das exportações por país de destino e por produto exportado o que representa uma vulnerabilidade da abertura para o país.

O Brasil tem muitas oportunidades de crescimento. Pode aumentar o volume das exportações ofertando novos produtos para cada país de destino para os quais já exporta, onde terá que enfrentar barreiras tarifárias e não tarifárias impostas por cada país, contudo pode também diversificar os destinos das exportações através de Acordos Comerciais, o que tem sido objetivo do atual governo que vem estreitando relações comerciais com países que anteriormente não eram considerados possíveis parceiros comerciais.

Com relação à região Nordeste, entre 1996 e 2004, foram exportados US\$ 42 bilhões, ou 7,71% do total exportado pelo Brasil nesse mesmo período, tendo como principal estado exportador a Bahia que representou quase a metade do total exportado pela região, precisamente 49,93%. Em segundo lugar vem o estado do Maranhão com 15,87% das exportações regionais, sendo que dois terços de suas exportações foram realizadas pela Companhia Vale do Rio Doce. Em terceiro e quarto lugares, respectivamente, vêm o Estado do Ceará com 11,09% e Pernambuco com 7,65% e em último lugar vem o Estado de Sergipe com 0,77% das exportações nordestinas.

Esta pesquisa objetiva avaliar o grau de concentração das exportações nordestinas por produto e país de destino no período compreendido entre 1996 a 2004 e seus efeitos para a região. Como objetivos específicos, tem-se a identificação dos destinos das exportações dos principais produtos da pauta de exportação nordestina, analisando à luz do referencial teórico, as possíveis conseqüências que um elevado grau de concentração pode propiciar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Carneiro (2002), em seu estudo sobre o destino das exportações e canais de comercialização das maiores empresas exportadoras brasileiras (1995/2000) atribui a concentração à origem do capital das multinacionais exportadoras instaladas em um país quando diz: “Pode-se dizer que empresas com capital proponderantemente americano tendem a exportar mais para os estados Unidos” (p.15). O mesmo autor considera que as multinacionais americanas tendem a exportar mais para países onde suas matrizes tem maior concentração de seu capital .

Já Abreu (2001), atribui a concentração do destino das exportações aos acordos de comércio. De acordo com referido autor, a evidência indica que preferências tarifárias tem tido um papel crucial no deslocamento das exportações. Se referindo ao acordo do NAFTA, acordo de livre comércio entre o México, Estados Unidos e Canadá, afirma na pesquisa que só o México foi responsável por cerca de um terço das perdas líquidas brasileira entre 1992 e 1998.

No que se refere às exportações da região nordeste do Brasil, a concentração pode ser caracterizada de dois modos: concentração por produto exportado e concentração por país de destino.

No que se refere a produto exportado, há um poder de mercado, que pode ser caracterizado como poder de monopólio, nas mãos dos principais exportadores nordestinos, conforme se constata para o caso dos exportadores de cana de açúcar e derivados em estados como Pernambuco e Alagoas onde os principais exportadores desses estados representam mais da metade de tudo que tais estados vendem ao exterior.

Do mesmo modo, países desenvolvidos utilizam-se de seu poder de monopólio pagando preços mais baixos para determinados produtos, prejudicando, desse modo, as exportações dos produtores originárias de regiões menos desenvolvidas como o Nordeste

De acordo com Pindyck (1994), monopólio é um mercado que possui apenas um único comprador, sendo este um fenômeno mais difícil de se encontrar no cenário econômico. Oligopólio, contudo, é um mercado com poucos compradores sendo poder de

monopsônio a capacidade que o comprador tem de influenciar no preço de uma mercadoria o que lhe confere a possibilidade de adquirir determinada mercadoria por um valor inferior ao preço que prevaleceria num mercado competitivo.

Quanto à concentração por produto, de acordo com Ferreira (2003), grande parte das decisões da política comercial brasileira é resultado do poder de pressão de grupos organizados, da atuação de lobbies setoriais ou de associações industriais que buscam defender os interesses próprios e que não deveriam ser confundidos com os interesses da população brasileira.

Ainda de acordo com esse mesmo autor, a ação organizada e o lobby de alguns grupos de interesse possuem um impacto indireto, mas bastante relevante sobre a economia, como um todo, já que se paga mais caro por esses produtos e transfere a renda da população em geral para uma minoria de produtores locais. Além disso, muito desses setores beneficiados pelos lobbies não empregam e nem geram rendas suficientes para que se possa justificar tais ações.

A concentração de produtos primários na pauta exportadora nordestina também pode ser explicada pela teoria das vantagens comparativas do clássico David Ricardo. Ao comentar sobre essa teoria, Krugman (2001), afirma que os “países comercializam para obter economia de escala na produção”.

O mesmo Krugman, observa que para algumas regiões existe um custo de oportunidade menor de produzir um bem do que em outras. No caso citado, tanto Pernambuco como Alagoas apresentam terras suficientes e apropriadas para a produção de

cana de açúcar, assim como mão de obra barata para tal. Assim, cada região, ou país, se especializa na produção de algo que proporcione um menor custo de oportunidade em comparativamente à produção de outro bem.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como delimitação dos dados estatísticos o período compreendido entre 1996 a 2004. Os dados secundários foram obtidos junto ao Ministério da Indústria e Comércio Exterior, pelo sistema ALICE, Ministério das Relações Exteriores e Centro Internacional de Negócios (FIEC-CE), utilizando-se também de pesquisa bibliográfica e documental. Conforme Silva e Menezes (2001), trata-se de uma pesquisa aplicada, já que apresenta uma aplicabilidade prática, assim como uma pesquisa quantitativa por basear-se em estatística de números.

Os dados estatísticos coletados serviram de base para o cálculo do índice de concentração das exportações nordestinas por produto de cada estado e seu principal destino. O quociente aqui sugerido e utilizado mede o grau de concentração a partir da

participação das exportações de cada estado da região por produto e país de destino. Quanto mais próximo de 1(um) for o resultado, significa que maior é o nível de concentração da exportação desse produto para o país de destino. O cálculo foi obtido da seguinte forma:

Quociente de concentração das exportações (Q) =  $(X_{iwe}/X_{we})/(X_{ie}/X_e)$ , sendo:

X = valor das exportações no período; i = produto exportado; w = país de destino das exportações e e=estado exportador.

## 4. ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1. Concentração de produtos exportados por estado da região

Entre os anos de 1996 e 2004 o Nordeste exportou o equivalente a US\$ 41.895.850.299. Desse montante as exportações baianas responderam por US\$ 20.918.683.831, representando a 49,93% das exportações nordestinas. O Estado do Maranhão exportou US\$ 6.650.770.029, equivalentes a 15,87% e o Ceará US\$4.646.310.748, representando 11,09% do total das exportações nordestinas no período.

Pernambuco participou com 7,65% no total de US\$3.207.973.625 e Alagoas com US\$ 2.792.614.957 representando 6,66% das exportações nordestinas. O Rio Grande do Norte exportou o equivalente a US\$ 1.850.261.079 (4,41%), a Paraíba US\$ 990.038.682 (2,36%), o Piauí US\$515.835.464 representando um percentual de 1,23% do total

exportado pela região no período e, por último, Sergipe com US\$ 323.361.884 e 0,77% das exportações nordestinas.

O gráfico 1, a seguir ilustra a representatividade das exportações nordestinas por estado em milhões de dólares no período compreendido entre janeiro de 1996 a agosto de 2004.

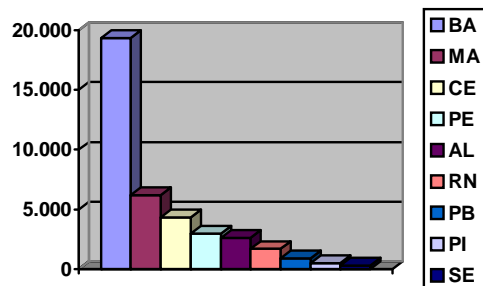


GRÁFICO 1 – Exportações nordestinas (em US\$ milhões) – 1996/2004

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ALICE-WEB

As tabelas a seguir indicam que existe relativa diversificação dos produtos exportados pelos diferentes estados, considerando-se o mesmo período de 1996 a 2004. Contudo, verifica-se substancial concentração em alguns produtos, como é o caso do Suco de Laranja em Sergipe, o principal produto exportado daquele estado e responsável por 48,74% de suas exportações totais. Constata-se ainda a presença marcante de produtos tradicionais como principais componentes das exportações dos estados nordestinos como é o caso da castanha de caju no Ceará e cana de açúcar para Pernambuco e Alagoas.

Bahia		
Produto	Exportações- US\$ FOB	%
Pasta Química	1.179.012.346	5,63
Fuel Oil	1.077.743.308	5,15
Automóveis com motor explosão	1.070.115.924	5,11
“Fuel Oil”	922.007.587	4,40
Bagaços e outros Resíduos sólidos	731.625.575	3,49

TABELA 1: Exportações baianas de produtos selecionados. Período: 1996/2004.  
 Fonte: MDIC. Elaboração própria

Entre os anos de 1996 e 2004, as exportações baianas equivaleram US\$ 20.918.683.831. O somatório dos dois principais produtos exportados pela Bahia representou 10,78% do total exportado por esse estado. Analisando-se os cinco principais produtos exportados chega-se a apenas 23,78% do valor total exportado. De fato, a Bahia

apresenta-se como o estado nordestino de maior diversidade de produtos e, também, com menor concentração no que se refere à exportação de seus principais produtos.

A seguir as exportações maranhenses que ocupam o segundo no ranking das exportações nordestinas, são analisadas.

Maranhão		
Produto	Exportações- US\$ FOB	%
Alumínio não Ligado em forma bruta	2.736.008.557	41,13
Ferro fundido bruto	1.305.599.921	19,63
Outros grãos de soja	845.644.099	12,71
Ligas de alumínio em forma bruta	739.468.600	11,11
Alumina	473.239.968	7,11

TABELA 2: Exportações maranhenses de produtos selecionados. Período: 1996/2004.  
 Fonte: MDIC. Elaboração própria



Entre os anos de 1996 até 2004, o estado de Maranhão exportou o equivalente a US\$ 6.650.770.029. Conforme mostra a tabela 3, no Maranhão, o principal produto exportado foi o alumínio não ligado em forma bruta no valor de US\$ 2.736.008.557, equivalentes a 41,13% das exportações desse estado. Apesar de muito instável, o alumínio não ligado em forma bruta manteve-se em primeiro lugar na pauta das exportações maranhenses de 1996 até o ano de 2003, quando, em 2004, caiu para o quinto lugar.

O segundo produto mais exportado foi o ferro fundido bruto com valor de US\$ 1.305.599.921, equivalentes à 19,63% das exportações. Entre os anos de 1996 até 2003, referido produto permanece em segundo lugar na pauta das exportações, contudo em 2004 ultrapassa o alumínio não ligado em forma bruta indo para o primeiro lugar. Esses dois principais produtos juntos representaram 60,17% das exportações Maranhenses no período.

A tabela 2 informa ainda que os cinco principais produtos exportados pelo Maranhão no período analisado representam uma concentração de 91,69%, dentre esses, vale observar que quatro são provenientes das exportações da Companhia Vale do Rio Doce.

De acordo com a tabela 3, o principal produto de exportação do Ceará, castanha de caju sem casca, acumulou no período sob referência um total de US\$ 1.085.997.157 e representou 23,37% das exportações cearenses. Observa-se uma diferença bem acentuada se comparada com o segundo produto mais exportado pelo estado que foi o tecido de algodão num total de US\$ 397.022.955 ou 8,54% das exportações cearenses. Esses dois produtos somados, equívalem a 31,91% do total exportado pelo Ceará.

Ceará		
Produto	Exportações US\$ FOB	%
Castanha de Caju sem casca	1.085.997.157	23,37
Tecido de Algodão	397.022.955	8,54
Calçados de Couro Natural	359.495.181	7,73
Calçados de Borracha	267.666.104	5,76
Lagostas Congeladas	213.381.151	4,59

TABELA 3: Exportação cearense de produtos selecionados. Período: 1996/2004.

Fonte: MDIC- elaboração própria.

Já as exportações pernambucanas neste período somaram US\$ 3.207.973.625 e o principal produto acumulado foi a cana de açúcar em bruto que entre janeiro de 1996 e dezembro de 2004, somaram US\$ 801.307.840 ou 24,97% das exportações pernambucanas.

Pernambuco		
Produto	Exportações- US\$ FOB	%



Cana de Açúcar em bruto	801.307.840	24,97
Outros açúcares da Cana	438.051.333	13,65
Goiabas, Mangas e mangostões	130.604.520	4,07
Borracha de Butadieno(BR)	87.291.457	2,72
Outras Chapas, etc-TEREFT.POLIETILENO	87.037.314	2,71

TABELA 4: Exportações Pernambucanas de Produtos Seleccionados. Período: 1996/2004

Fonte: MDIC- elaboração própria.

O segundo produto mais exportado do estado de Pernambuco foram outros açúcares provenientes da cana que acumularam, nesse mesmo período, um valor aproximado de US\$ 438.051.333 ou 13,65%. Nota-se, a partir desses produtos, a importância da cana de açúcar para a economia pernambucana já que esses dois principais produtos de exportação do estado juntos representam 38,62% das exportações pernambucanas.

A soma dos cinco principais produtos de exportação chega a 48,12%, um pouco abaixo do acumulado no estado cearense, notando-se uma maior concentração apenas quando se trata dos dois principais produtos de exportação.

Alagoas		
Produto	Exportações- US\$ FOB	%
Açúcar de cana	1.938.643.150	69,42
Cloreto de etileno	280.848.582	10,05
Outros açúcares de cana	191.636.618	6,86
Álcool etílico	149.981.275	5,37
Outros fumos	48.377.827	1,73

TABELA 5: Exportações Alagoanas de Produtos seleccionados. Período: 1996/2004

Fonte: MDIC- elaboração própria

De 1996 até 2004, o total das exportações de Alagoas foi de US\$ 2.792.614.957. Nesse mesmo período, o principal produto foi o açúcar da cana equivalendo quase 70% das exportações, seguido do Cloreto de Etileno, representativo de 10% das exportações.

Percebe-se que os principais produtos exportados por Alagoas estão ligados a cultura da cana de açúcar, deixando muito concentradas as exportações desse estado. Os dois principais produtos somados equivalem a 79,47% das exportações, já os cinco principais produtos representaram 93,43% de toda a exportação alagoana nesse mesmo período, mostrando assim uma intensa concentração.

Vale ressaltar que a pauta de exportação do estado de Alagoas foi composta de 172 produtos, no período em foco, sendo que os vinte principais produtos de exportação são ligados ao setor primário. Constata-se ainda evidente instabilidade especialmente na exportação de cloreto de etileno, segundo principal produto de exportação do estado, cujas exportações que somavam US\$ 48.961.607 em 1997 passaram para US\$ 6.608.898 em 2001, perdendo nesse exercício sua segunda posição para outros açúcares da cana.

Rio Grande do Norte		
Produto	Exportações- US\$ FOB	%
Óleos brutos de petróleo	367.264.997	19,84
Melões frescos	245.591.635	13,27
Castanha de caju sem casca	183.278.328	9,90
Outros açúcares de cana	107.307.279	5,79
Camisetas T-shirts	103.441.020	5,59

TABELA 6: Exportações do Rio Grande do Norte de Produtos selecionados. Período: 1996/2004. Fonte: MDIC- elaboração própria

De 1996 até 2004, o total das exportações do Rio Grande do Norte foram de US\$ 1.850.261.079. Durante esse período, o principal produto acumulado foi “óleos brutos de petróleo” com US\$ 367.264.997 ou 19,84% das exportações. O segundo foram melões frescos com US\$ 245.591.635 ou 13,27% das exportações. Quando se considera a concentração dos dois principais produtos, tem-se 33,11% das exportações.

Os cinco principais produtos representaram 54,39% das exportações do Rio Grande do Norte. Nota-se que Rio Grande do Norte possuiu nesse período um total de 492 itens exportados, enquanto os cinco principais produtos exportados representaram 54% das exportações totais desse estado.

Durante o período sob análise, óleos brutos de petróleo se mantiveram como principal produto exportado pelo Rio Grande do Norte, seguido de melões frescos que se mantiveram de 1996 até o ano de 1999 na vice liderança, perdendo a sua posição nos anos seguintes (exceto em 2002) para camisetas T-shirts de malha de algodão.

Paraíba		
Produto	Exportações- US\$	%
Roupas de Toucador	207.680.766	21,00
Álcool etílico	147.453.527	14,89
Cordéis de sisal	99.080.569	10
Outros calçados de couro natural	87.001.716	8,78
Outros Calçados Impermeáveis de Borracha	37.937.534	3,83

TABELA 7: Exportações Paraibanas de Produtos selecionados. Período: 1996/2004  
 Fonte: MDIC- elaboração própria

De 1996 até 2004, o total das exportações da Paraíba foi de US\$ 990.038.682 e o principal produto exportado foi roupas de toucador representando 21% das exportações totais do estado, seguido de álcool etílico com US\$ 147.453.527 ou 14,89%. Analisando-se a concentração dos dois principais produtos tem-se 35,89% das exportações. No caso dos cinco principais, constata-se que eles representam mais de 50% do total exportado pelo estado, precisamente 58,5%.

Piauí		
Produtos	Exportações- US\$ FOB	%
Ceras vegetais	133.227.377	25,82
Pilocarpina	58.194.950	11,28
Castanha de Caju	52.371.617	10,15
Outros grãos de soja	49.622.040	9,61
Outros couros e peles	35.295.461	6,84

TABELA 8: Exportações Piauienses de Produtos selecionados. Período: 1996/2004  
 Fonte: MDIC- elaboração própria

De 1996 até 2004, o total das exportações do Piauí foi US\$ 515.835.464 e o principal produto exportado foram as ceras vegetais com US\$ 133.227.377, equivalentes à 25,82% das exportações de todo o Piauí no período. O segundo produto mais exportado foi a pilocarpina com US\$ 58.194.950 ou 11,28% das exportações.

Quando se considera a concentração dos dois principais produtos, tem-se 37% das exportações. Já abrangendo os cinco principais produtos, tem-se o equivalente à 63,7%. Dos 20 principais produtos exportados pelo Piauí nesse período 19 são produtos primários.

Sergipe		
Produtos	Exportações- US\$ FOB	%
Suco de Laranja	157.634.621	48,74
Uréia com teor de nitrogênio	39.948.665	12,35
Tecido de algodão	32.505.440	10,05
Rolhas	11.292.207	3,49
Cimento PORTLAND	11.064.713	3,42

TABELA 9: Exportações Sergipanas de Produtos selecionados. Período: 1996/2004  
 Fonte: MDIC- elaboração própria

De 1996 até 2004, o total das exportações de Sergipe foram de US\$ 323.361.884. O principal produto exportado foi o Suco de Laranja com US\$ 157.634.621 ou o equivalente à 48,74% das exportações. O segundo produto mais exportado foi a uréia com teor de nitrogênio somando US\$ 39.948.665 ou o equivalente à 12,35%.

Quando se considera a concentração dos dois principais produtos, tem-se 61% das exportações. No quesito dos cinco principais produtos, obtém-se o equivalente à 78%. O estado de Sergipe contribui com cerca de 2,5% do total das exportações de suco de laranja do país que é o sétimo principal produto da pauta de exportação brasileira.

A análise dos produtos de exportação por estado revela a concentração da maioria dos estados nos cinco principais produtos da pauta de exportação, sendo que o estado da Bahia apresenta de longe a maior diversificação e portanto o menor nível de concentração. Os estados de Alagoas e Maranhão apresentaram o maior grau de concentração das exportações nos cinco principais produtos da pauta, 93% e 92% respectivamente. Os demais estados apresentam concentração entre cinquenta e oitenta por cento nos cinco principais produtos de suas respectivas pautas de exportação.

#### 4.2. Índice de Concentração de Exportação por Produto e País de Destino nos Estados Nordestinos

O índice ou quociente de concentração das exportações compara o valor exportado de certo produto para um determinado país com o valor total exportado para o mesmo país considerando o total exportado pelo estado.

A seguir são indicados os índices de concentração dos cinco principais produtos exportados por cada estado da região nordeste no período compreendido entre 1996 a 2004.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Cana-de-açúcar em bruto	Rússia	0,991
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose	Nigéria	0,883
Goiabas, mangas e mangostões, frescos ou secos	Holanda	0,242
Borracha de Butadieno(BR) em chapas, folhas e tiras	Argentina	0,138
Outras chapas, etc, TEREFT, Polietileno	Estados Unidos	0,039

TABELA 10: Estado de Pernambuco – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

O cálculo do índice evidencia forte concentração das exportações pernambucanas de cana de açúcar para a Rússia o que representa elevado grau de vulnerabilidade da economia por produto e destinação das exportações.

Assim como para o estado de Pernambuco, o valor de cana-de-açúcar em bruto exportado pelo estado de Alagoas representa quase a mesma soma que a Rússia importa de todos os produtos do estado de Alagoas. Percebe-se que todos os cinco principais produtos exportados por Alagoas apresentam intensa concentração.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Cana-de-açúcar em bruto	Rússia	0,997
1,2- Dicloroetano (Cloreto de Etileno)	Japão	0,841
Outros Açúcares da Cana, Beterraba, Sacarose, QUÍM. PURO, SOL	Nigéria	0,806
Álcool Etílico N/Desnaturado c/ Vol. Teor >=80%	Coréia do Sul	0,947
Outros Fumos não Manufaturados, Não	Espanha	0,866

Destalados		
------------	--	--

TABELA 11: Estado de Alagoas – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Com relação ao estado do Ceará o produto que apresenta maior nível de concentração por país de destino é a castanha de caju para os Estados Unidos. Contudo a maioria dos produtos cearenses apresenta baixo nível de concentração como é o caso de borracha para os Estados Unidos).

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Castanha de Caju, Fresca ou Seca, Sem casca	Estados Unidos	0,396
Tecidos de Algodão >= 85%, fio color, denim, indigno, P > 200/M2	Argentina	0,372
Outros Calçados de Couro	Estados Unidos	0,145
Lagostas (Palinurus, PANULIRUS E JASUS) Congeladas	Estados Unidos	0,093
Calçados de Borracha/ PLAST. C/ PARTE SUPER. EM TIRAS, ETC	Estados Unidos	0,030

TABELA 12: Estado do Ceará – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Já para o estado de Sergipe, o suco de laranja para a Holanda é o produto com o maior índice de concentração, conforme a tabela 13, abaixo.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Suco de laranja	Holanda	0,905
Uréia com Teor de Nitrogênio > 45% em peso	Argentina	0,442
Tecido de Algodão > 85%, fio color, denim, indigno P > 200G/M2	Paraguai	0,527
Rolhas, Outras tampas e acesso p/ embalagens de metais comuns	Argentina	0,186
Cimento “Portland”, comuns	Estados Unidos	0,305

TABELA 13: Estado do Sergipe – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

O maior índice de concentração referente ao estado da Paraíba é o da exportação de calçados destinados ao Paraguai, conforme a tabela 14. Já para o estado do Rio Grande do Norte, constata-se uma grande concentração na exportação de óleos brutos de petróleo para Trindade e Tobago. Ainda para o Rio Grande do Norte o produto menos concentrado é a Castanha de Caju para os Estados Unidos.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Roupas de Toucador/cozinha de tecidos e atalhados de algodão	Estados Unidos	0,362
Álcool etílico, N Desnaturado c/ Vol Teor alcoólico	Holanda	0,554
Cordéis de Sisal/ Outras fibras “AGA VE”, patedeiras s/enfard	Estados Unidos	0,176
Outros Calçados de Couro Natural	Estados Unidos	0,156
Outros Calçados Impermeáveis de Borracha	Paraguai	0,655

TABELA 14: Estado da Paraíba – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Óleos Brutos de Petróleo	Trindade e Tobago	0,992
Melões Frescos	Reino Unido	0,633
Castanha de Caju, Fresca ou Seca, sem casca	Estados Unidos	0,240
Outros Açúcares da Cana, Beterraba, Sacarose, Quím, Pura, Sol.	Nigéria	0,538
Camarões Inteiros, Congelados, exceto Krill.	França	0,604

TABELA 15: Estado do Rio Grande do Norte – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Para o estado do Piauí o maior índice de concentração está na exportação de pilocarpina, nitrato ou cloridalto para a Alemanha e grãos de soja para Portugal.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Ceras Vegetais	Estados Unidos	0,269

Pilocarpina, Nitrato ou Cloridalto	Alemanha	0,505
Castanha de Caju, Fresca ou Seca, sem Casca	Estados Unidos	0,297
Outros Grãos de Soja, mesmo triturados	Portugal	0,416
Outros Couros e Peles de Bovinos, Equídeos, Curtidos, Recurtidos	Itália	0,302

TABELA 16: Estado do Piauí – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Para o Estado da Bahia, o maior índice de concentração se encontra na exportação de óleo combustível para as Antilhas Holandesas, conforme a tabela 17.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Pasta Química	Estados Unidos	0,067
Óleo Combustível	Antilhas Holandesas	0,887
Automóveis com Motor Explosão	México	0,751
Outros óleos	Estados Unidos	0,119
Bagaços e Outros Resíduos Sólidos da Extração do Óleo de Soja	Reino Unido	0,120

TABELA 17: Estado do Bahia – Índice de Concentração – elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

Para o Maranhão, tabela 18, nota-se que existem produtos extremamente concentrados como a Alumina Calcificada, o qual tem um índice de concentração de

aproximadamente 0,83 para a Argentina, seu principal importador. No entanto, há outros bem diversificados como os grãos de soja com índice de aproximadamente 0,1, onde o principal comprador é Holanda, muito baixo se comparado aos outros principais produtos do Maranhão.

Produto	Principal País Importador	Índice de Concentração
Alumínio Não Ligado em Forma Bruta	Holanda	0,503
Ferro Fundido Bruto Não Ligado	Estados Unidos	0,746
Outros Grãos de Soja mesmo Triturados	Holanda	0,100
Ligas de Alumínio em Forma Bruta	Holanda	0,394
Alumina Calcificada	Argentina	0,830



TABELA 18: Estado do Maranhão – Índice de Concentração –  
elaboração própria com base em dados do Ministério das Relações Exteriores e MDIC.

## 5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa permite concluir que a Bahia é um estado à parte da região nordeste já que a metade das exportações nordestinas são provenientes daquele estado. A Bahia é também o estado com o maior diversificação de produtos exportados e o de menor concentração, se analisarmos os cinco principais produtos. Esses produtos, na Bahia, representam 27% de suas exportações, evidenciando baixa concentração se comparado com os outros estados nordestinos. Levando-se em conta o índice de concentração por produto e país de destino constata-se elevada destinação de óleos combustíveis e automóveis com motor de explosão para as Antilhas Holandesas e Holanda, respectivamente.

O Maranhão representa 15% do valor exportado pelo Nordeste no período analisado que vai de janeiro de 1996 a dezembro de 2004, contudo, constata-se que dos cinco principais produtos de exportação desse estado, quatro são provenientes das exportações da Companhia Vale do Rio Doce e o quinto das exportações de grãos de soja.

O Ceará, apesar de demonstrar menor volume exportado, apresenta uma pauta exportadora bem mais diversificada. Analisando-se a concentração nos cinco principais produtos, a concentração para o estado do Ceará é de 50%, semelhante a de Pernambuco, 48%. Já para os estados do Maranhão, Alagoas, Sergipe, Paraíba e Rio Grande do Norte o percentual de concentração nos cinco principais produtos exportados é de 92%, 93%, 78%, 58% e 54%.

Dos cinco principais produtos exportados por Pernambuco no período analisado, quatro são produtos agrícolas e a cana-de-açúcar é sem dúvida seu principal produto,

mantendo a tradição de forte exportadora desse produto e seus derivados. Assim como Alagoas, onde quase 70% das exportações são decorrentes de produtos derivados da cana de açúcar.

Considerando o índice de concentração dos produtos e países de destino das exportações, os estados de Pernambuco e Alagoas apresentam elevado índice de concentração na exportação de cana-de-açúcar para a Rússia.

Sergipe apresenta elevado índice de concentração na exportação de suco de laranja para a Holanda e o Rio Grande do Norte elevada concentração na destinação de óleos brutos para Trindade e Tobago.

A elevada concentração cruzada, ou seja comparando-se o produto e país de destino, constatada para a maioria dos estados da região, exceto para os estados do Ceará, Paraíba e Piauí, indica vulnerabilidade a mercados externos e a determinados produtos com repercussões negativas para o futuro econômico dos estados.

Os conceitos relativos a poder de mercado, apresentados no referencial teórico, se aplicam ao caso da cana-de-açúcar que é o principal produto exportado por estados como Alagoas e Pernambuco, representando aproximadamente 70% e 25% de toda a exportação desses estados, respectivamente. Apesar referidos estados destinarem as exportações de tal produto para vários países compradores, a Rússia é o principal comprador, equivalendo a 99,1% de toda a compra da cana exportada pelo estado de Pernambuco e o equivalente a 99,6% de toda a exportação do mesmo produto pelo estado de Alagoas.

Fazendo uma analogia, a Rússia pode utilizar-se de seu poder de monopólio e interferir no preço dessa *commodity*, já que se os Russos fizerem barreiras comerciais contra esse produto, o excesso do produto no mercado levará a uma queda no seu preço no mercado internacional já que o Brasil é considerado grande país na exportação de cana-de-açúcar. Ou seja, se os russos tiverem a intenção de barganhar na compra eles conseguiriam facilmente e comprariam abaixo do preço que seria ofertado num mercado competitivo. Nota-se, desse modo, o quanto as economias dos estados de Pernambuco e Alagoas estão dependentes e vulneráveis à economia russa.

Esse poder de monopólio exercido pela Rússia apresenta um custo social elevado para as economias vendedoras do produto, pois há o risco para o país exportador de recebimento de valores inferiores ao ofertado numa economia competitiva, além de induzir a um menor nível de produção, levando os produtores a perder um excedente que poderiam conseguir numa economia competitiva. Além disso, há a hipótese de que uma economia dependente fica vulnerável a qualquer crise que venha a ocorrer no país comprador, podendo haver como consequência uma quantidade maior de desemprego e menos renda para a economia vulnerável.

## 6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Marcelo Paiva. Política Comercial Brasileira: Limites e Oportunidades. Texto para Discussão no. 457. PUC-Rio de Janeiro. 2001.

CARNEIRO, Francisco G. Destino das Exportações e Canais de Comercialização das Maiores Empresas Exportadoras Brasileiras (1995/2000). Texto para Discussão no. 917. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA. 2002

FERREIRA, Pedro Calvacante. Grupos de Interesse, Determinantes da Política Comercial, e Produtividade Industrial.. Escola de Pós Graduação em Economia Fundação Getúlio Vargas. 2003.



FONSECA, Renato. Diversificação Regional das Exportações Brasileiras. Um estudo Prospectivo. 2003.

KRUGMAN, Paul R. e OBSTFELD, Maurice. Economia Internacional- Teoria e Política. 1999.

HADDAD, Paulo Roberto, FERREIRA, Carlos, BOISIER, Sérgio e ANDRADE, Thompson, Economis Regional: Teorias e Métodos de Análise. Banco Nordeste do Brasil. 1989.

MENDONÇA, Eduardo Araújo. Exportações Brasileiras: Concentração e Implicações para a Economia no período de 1990-2001. Trabalho de conclusão do Curso da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará. 2003.

PEREIRA, Lia Valls. Working Paper CBS – 44. A Agenda Brasileira de Crescimento das Exportações: Principais questões. University of Oxford Centre for Brazilian Studies. 2003.

PINDYCK, Robert S e RUBENFELDT, Microeconomia. 1994. Editora Makron Books.

FERGUSON, C. E. Microeconomia. 17 edição. 1993

[www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br](http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br) Dados estatísticos de Comércio Exterior. Acesso de Setembro de 2004 a Janeiro de 2005

[www.portaldoexportador.gov.br](http://www.portaldoexportador.gov.br) Dados sobre Balança Comercial dos estados nordestinos. Acesso em Dezembro de 2004

[www.sfipec.org.br](http://www.sfipec.org.br) Dados sobre exportações de produtos cearenses  
Acesso em Setembro de 2004